



FACULDADE DE  
**MEDICINA**  
LISBOA

# **TRABALHO FINAL**

## **MESTRADO INTEGRADO EM MEDICINA**

---

Clínica Universitária de Otorrinolaringologia

### **Educação Bilingue na Comunidade Surda**

Mariana Marques Sousa Santos

---

**ABRIL'2019**



FACULDADE DE  
**MEDICINA**  
LISBOA

# **TRABALHO FINAL**

## **MESTRADO INTEGRADO EM MEDICINA**

---

Clínica Universitária de Otorrinolaringologia

## **Educação Bilingue na Comunidade Surda**

Mariana Marques Sousa Santos

**Orientado por:**

Dr. Marco António Alveirinho Cabrita Simão

---

**ABRIL'2019**

## **RESUMO**

Durante muitos anos, a comunidade surda não viu as suas necessidades educativas serem atendidas. Na Antiguidade e durante a Idade Média estes indivíduos eram vistos como seres incapazes, sem qualquer capacidade de aprendizagem, estando por isso impedidos de frequentar a escola e destinados a trabalhos precários. Quando se percebeu que estes indivíduos eram afinal capazes de aprender, várias correntes de ensino surgiram, desde metodologias oralistas que visavam ensinar o surdo a falar a língua oficial do seu país de origem, até filosofias de Comunicação Total, em que os gestos eram permitidos como auxiliares da comunicação. Os resultados académicos nunca foram satisfatórios até ter sido implementado o Bilinguismo, em que a Língua Gestual era vista como a língua natural do surdo e, portanto, a sua primeira língua, e a língua falada do país de origem seria vista como uma segunda língua, sobre a qual o indivíduo surdo devia trabalhar as capacidades de leitura e escrita.

**Palavras-Chave:** Surdos; Educação; Bilinguismo

## **ABSTRACT**

For many years, the deaf community did not see their educational needs meet. In Antiquity times and during the Middle Ages, these individuals were seen as incapable beings, without any learning ability, and were therefore prevented from attending school and destined for precarious work. After realizing that these individuals were finally able to learn, several teaching streams arose, from oral methodologies that aimed to teach the deaf to speak the official language of their origin country, even Total Communication philosophies, in which gestures were allowed as communication aids. The Academic results were never satisfactory until Bilingualism was implemented, in which Sign Language was seen as the natural language of the deaf and therefore its first language, meaning the spoken language of the country of origin would thus be seen as a second language, in which the deaf individual should need to work on the skills of Reading and writing.

**Keywords:** Deaf; Education; Bilingualism

O Trabalho Final exprime a opinião do autor e não da FML.

## ÍNDICE

<b>RESUMO</b> .....	3
<b>ÍNDICE</b> .....	4
<b>INTRODUÇÃO</b> .....	5
<b>A IMPORTÂNCIA DA LINGUAGEM NO DESENVOLVIMENTO COGNITIVO</b> .....	6
<b>A EVOLUÇÃO HISTÓRICA DA EDUCAÇÃO DOS SURDOS NO MUNDO</b> .....	7
<b>CONCEÇÕES HISTÓRICAS SOBRE A SURDEZ</b> .....	7
<b>AS PRIMEIRAS TENTATIVAS DE ENSINO DOS SURDOS</b> .....	7
<b>O CONGRESSO DE MILÃO</b> .....	11
<b>A ASCENSÃO E A QUEDA DO ORALISMO</b> .....	12
<b>O RECONHECIMENTO DA LÍNGUA GESTUAL E A ERA DA COMUNICAÇÃO TOTAL</b> .....	14
<b>UMA PERSPETIVA DE BILINGUISMO</b> .....	16
<b>A EVOLUÇÃO HISTÓRICA DA EDUCAÇÃO DOS SURDOS EM PORTUGAL</b> .....	21
<b>OS BENEFÍCIOS DA EDUCAÇÃO BILINGUE</b> .....	26
<b>AGRADECIMENTOS</b> .....	27
<b>BIBLIOGRAFIA</b> .....	28

## **INTRODUÇÃO**

É comum a preocupação com a educação das nossas crianças. Queremos sempre garantir que lhes sejam fornecidos os melhores métodos de ensino, para nenhuma das suas capacidades ficar subaproveitada, e para que se possam tornar adultos competentes e bem-sucedidos em qualquer que seja a área destinada.

Durante muitos anos, não se percebeu qual seria a melhor metodologia de ensino para as crianças surdas. Várias tentativas foram feitas e várias correntes de ensino vieram dos quatro cantos do mundo. Inicialmente eram vistos como indivíduos incapazes de aprender, imbecis, que não respondiam aos ensinamentos que lhes eram feitos. Tentaram ensiná-los a falar, a gesticular, tentaram o recurso a aparelhos sofisticados para permitir o aproveitamento das capacidades residuais de audição, mas por muito que se tentasse, nunca se conseguia igualar os níveis académicos das crianças surdas aos das crianças ouvintes. Apenas recentemente se parece ter descoberto a chave para não deixar esta minoria linguística à beira da discriminação, proporcionando-lhe uma educação que responda às suas necessidades e traçando um caminho em busca da igualdade de oportunidades.

O objetivo deste trabalho prende-se assim em perceber a evolução da educação desta comunidade ao longo dos tempos, tanto em Portugal como no mundo, revendo as várias correntes de ensino que foram surgindo, e os prós e contras de cada uma. Além disto torna-se importante entender quais foram, durante muitos anos, as consequências da aplicação destas mesmas correntes e metodologias, numa minoria linguística que só há cerca de duas décadas foi vista e reconhecida como tal.

## **A IMPORTÂNCIA DA LINGUAGEM NO DESENVOLVIMENTO COGNITIVO**

Para o desenvolvimento de uma criança, tanto linguística como cognitivamente, é de extrema importância a interação que esta estabelece com o meio que a rodeia. É crucial o entendimento da informação que lhe é apresentada a toda a hora, pelo que a linguagem assume um papel fundamental. Deste modo, cada criança deve ter acesso a uma língua completamente perceptível e inteligível, quer seja produzida por um professor, um familiar ou um colega. [1], [2]

Um dos valores fundamentais da linguagem reside na comunicação social. É através desta que as pessoas partilham experiências emocionais e intelectuais, e se relacionam com os outros. É graças à linguagem que a criança pode aprender sobre o mundo, adquirir valores, regras e normas e assim aprender a viver em comunidade. [3] Consequentemente, e à medida que a criança cresce, mais ela necessita de uma língua que seja eficaz para funções mais complexas e avançadas como a argumentação, discussão de assuntos abstratos e partilha de opiniões. [2] Se uma criança ouvinte ou surda não puder ter uma participação ativa em situações comunicativas nas quais esteja a ser usada uma língua inteligível, não se pode contar com um desenvolvimento relacional normal. [4]

Além desta função interpessoal de permitir a comunicação entre vários indivíduos, a linguagem tem também a função intrapessoal de permitir o pensamento. [3] Através destas duas entidades (linguagem e pensamento) a criança é levada ao domínio do mundo simbólico, permitindo novas possibilidades de aprendizagem. É assim que a criança cresce, interioriza e domina o mundo que a rodeia. [1] É ela que vai permitir, através do pensamento, o reconhecimento de conceitos, a resolução de problemas e a aprendizagem consciente. [3] No caso das crianças surdas, a falta de acesso a uma língua vai criar dificuldades acrescidas à sua capacidade de utilizar o pensamento verbal, impossibilitando a realização de um diálogo interior e estruturante tanto do pensamento como do próprio comportamento. [5]

Deste modo, e uma vez inquestionável a importância do desenvolvimento da linguagem para o desenvolvimento cognitivo harmonioso de qualquer criança, coloca-se então a questão de qual a linguagem favorável ao desenvolvimento da criança surda. [5]

## **A EVOLUÇÃO HISTÓRICA DA EDUCAÇÃO DOS SURDOS NO MUNDO**

### **CONCEÇÕES HISTÓRICAS SOBRE A SURDEZ**

Já no século V AC, Sócrates fez as primeiras afirmações sobre o ensino dos surdos, afirmando que estes deviam usar o gesto e a pantomina (uma espécie de teatro gestual que fazia o menor uso possível de palavras e o maior uso de gestos, através da mímica). [6]

Cerca de um século depois, no século IV AC, também Aristóteles teceu as suas considerações, afirmando que os processos envolvidos na aprendizagem ocorriam através da audição e, conseqüentemente, os surdos seriam menos educáveis que os cegos. Embora pudessem emitir sons, não podiam falar e por isso, era-lhes vedado o acesso à razão. [3], [6]

No ano de 534, os direitos civis dos surdos congénitos, como o casamento e a propriedade acabam por ser negados. [6]

Na Idade Média (aproximadamente entre os séculos V e XV), e devido à grande expansão do Cristianismo nesta época, com base no Evangelho de São Paulo, Epístola aos Romanos, que dizia que “ a fé deriva da pregação e a pregação é o anúncio da palavra”, supunha-se que os surdos não teriam acesso à salvação uma vez que não sendo aptos para falar, não poderiam pregar a palavra de Cristo. É precisamente esta preocupação que anos mais tarde motiva certos religiosos a tentar educar os surdos. [3], [6]

Durante séculos houve, portanto, a crença que os surdos não fossem educáveis ou responsáveis pelos seus atos. Eram vistos como imbecis, incapazes, e como tal não tinham acesso à educação ou à cultura. Não sendo capazes de comunicar livremente, viviam isolados e privados da alfabetização e ensino e estavam por isso, sujeitos a executar trabalhos desprezíveis. [3], [4], [7], [8]

### **AS PRIMEIRAS TENTATIVAS DE ENSINO DOS SURDOS**

As primeiras tentativas de educar os surdos surgem no século XVI quando Girolamo Cardano (1501 – 1576), médico, acabou com a ideia de que os surdos não podiam ser

ensinados. Este contradisse o sábio Aristóteles e teorizou que a audição e o uso da fala não eram indispensáveis à compreensão das ideias. Via a surdez como uma barreira à aprendizagem e não como uma condição mental. [4], [6]

É assim no início do século XVI que se começa a admitir que os surdos podem aprender. O propósito da educação dos surdos era então que estes pudessem desenvolver o seu pensamento, adquirir conhecimentos e comunicar com o mundo ouvinte. [7]

Na segunda metade do século XVI, o espanhol Pedro Ponce de León (1520 – 1576), monge beneditino, inicia um trabalho no sentido de desenvolver a fala dos surdos. Este trabalho surgia da necessidade de famílias nobres e influentes com filhos surdos tornarem os seus descendentes herdeiros legítimos. Isto porque os direitos legais eram subtraídos a todos aqueles que não falavam. Este monge tornou-se assim o primeiro professor de surdos. O seu método incluía um alfabeto manual por ele desenvolvido (datilologia) em que as letras do alfabeto eram representadas por meio das mãos, e através deste trabalhava na escrita, na leitura e na fala. Ele demonstrou assim que os surdos possuíam capacidades intelectuais. Podiam participar na missa e confessar-se, falavam grego, latim e italiano e discutiam temas dentro da física e da astronomia. Estavam assim aptos a conservar a herança paterna. No entanto, os surdos que podiam beneficiar do trabalho destes professores eram muito poucos, resumindo-se aos provenientes de famílias abastadas. Não havia uma consciência social da necessidade do surdo em ter acesso à educação, mas sim uma preocupação económica por parte das famílias em relação aos seus descendentes. [4], [6], [7]

Em 1620, Juan Pablo Bonet (1579 – 1633), inspirado pelo trabalho de Ponce de León, também se ocupou da educação dos surdos da corte espanhola. Ele afirmava ser mais fácil para o surdo aprender a ler através de um alfabeto manual, mas era completamente contra a língua gestual. É assim um dos mais antigos defensores da metodologia oralista, que visava colocar o surdo a falar a língua dos ouvintes. Ele iniciava o processo pela aprendizagem das letras do alfabeto manual, passando posteriormente ao treino auditivo, à pronúncia dos sons das letras, depois as sílabas sem sentido, as palavras concretas e abstratas, para terminar com as estruturas gramaticais. [4], [6]

A meados do século XVIII, começaram a surgir duas correntes relativas ao ensino dos surdos: [7]

- Oralistas: consideravam que os surdos deviam superar a sua surdez falando, e de certo modo, se comportassem como se não fossem surdos. Reprimiam tudo o que fizesse recordar que os surdos não poderiam falar como os ouvintes;
- Gestualistas: eram mais tolerantes relativamente às dificuldades do surdo com a língua falada e foram capazes de ver que os surdos desenvolviam uma linguagem que, ainda que diferente da oral, era eficaz para a comunicação.

Temos assim duas orientações divergentes na educação dos surdos que se mantiveram em oposição praticamente até à atualidade. [7]

Como representante mais importante da abordagem gestualista temos Abbé de L'Épée (1712 – 1789) e o seu “método francês”. Este abade, a partir da observação de grupos de surdos verificou que estes desenvolviam um tipo de comunicação baseada no canal visual-espacial, baseada em gestos, que considerava ser muito satisfatória. Com eles aprendeu a língua gestual. No entanto, considerava a linguagem gestual daquela comunidade de surdos insuficiente, pelo que, apoiado nela, mas acrescentando-lhe sinais que lhe permitia integrar a gramática da língua francesa, desenvolveu um método educacional intitulado “Sinais Metódicos”. Tinha como objetivo que todos os surdos em França aprendessem a ler e a escrever pelo que abriu a primeira escola pública para surdos, em Paris, em 1755, em que a abordagem dos “sinais metódicos” era a utilizada. Pela primeira vez, alunos surdos conseguiram ler e escrever em francês. Constatou ainda que se perdia muito tempo a tentar ensinar os surdos a falar pois devido às suas características inerentes, isso raramente acontecia. Via a linguagem dos sinais como a língua natural dos surdos. [4], [6], [7]

Contemporaneamente a Abbé de L'Épée temos Samuel Heinicke (1729 – 1790), um dos principais defensores da metodologia oralista, com o seu “método alemão”. Fundou, em 1750, na Alemanha a primeira escola de surdos de ensino exclusivamente oral, rejeitando todos os outros métodos que considerada inúteis e fraudulentos. [4], [6]

Na 2ª metade do século XVIII tínhamos assim bem definidos dois métodos de ensino de surdos: o método francês de L'Épée, gestualista, baseado num sistema artificial de

sinais, e o método alemão de Heinicke, oralista, que enfatizava o desenvolvimento da oralização. [3]

Temos ainda, contemporaneamente ao Abbé L'Épée, Jacob Rodrigues Pereira (1715 – 1780), um inventor e pedagogo filho de pais portugueses, nascido em Espanha, e que em 1741 se deslocou para Bordéus, em França. Fundou a primeira escola para surdos congénitos em Bordéus, sendo que o seu método para ensinar surdos a vocalizar, consistia em colocar as mãos dos seus alunos na sua própria garganta, de modo a que pudessem associar determinados estímulos táteis (vibrações vocais) e visuais (movimentos de lábios) a sílabas ou palavras específicas. Tinha uma grande relutância em divulgar os seus métodos, e recusou todas as propostas que surgiam da nobreza de França e do estrangeiro, tendo no entanto, sido promovido pelo rei Luís XV de França a intérprete real pela sua proficiência em Latim e Hebreu, além de Francês, Espanhol e Português. No entanto, o facto de nunca ter publicado aos seus métodos, ao contrário de Abbé de L'Épée, fez com que a metodologia do abade vingasse, e o sucesso de Jacob Rodrigues Pereira diluísse. [9]

Em 1790, Abbé Sicard (1742 – 1822) sucede a Abbé L'Épée no Instituto Nacional de Surdos Mudos de Paris. [6] Continuou o seu trabalho na educação dos surdos com o recurso à utilização a gestos. Desenvolveu um trabalho com Jean Massieu, um aluno surdo que por oposição do pai nunca tinha ido à escola e, portanto, não conhecia qualquer tipo de língua até aos 14 anos. Limitava-se a fazer alguns gestos que apenas eram conhecidos e entendidos pelos seus familiares mais próximos. Foi Abbé Sicard que começou o seu processo de educação. Sicard ia desenhando figuras de objetos e i-lhes associando palavras. No entanto, Massieu parecia não entender. Um dia, subitamente, Massieu percebeu que um objeto ou uma imagem podia ser representado por um nome, e aqui começou o seu desenvolvimento cognitivo e linguístico. Massieu tornou-se, anos mais tarde, o primeiro professor surdo. [10]

Em 1815, Thomas Hopkins Gallaudet (1787 – 1851), um americano, veio à Europa para conhecer os diferentes métodos de educação dos surdos, tendo assistido a uma conferência de Abbé Sicard, onde ele explicava a sua metodologia gestualista. No ano seguinte volta para os EUA, acompanhado por Laurent Clarc, um discípulo de Sicard, que o iria ajudar a implementar a metodologia em causa na América. Em 1817, Thomas Gallaudet e Laurent Clarc abrem a primeira escola americana para surdos, cujo ensino

se baseava numa linguagem gestual (primeiro baseada na língua de sinais francesa e posteriormente numa língua de sinais americana). [6], [8]

Em 1864 foi ainda criada a primeira Universidade Nacional para Surdos-Mudos, que posteriormente foi apelidada de Universidade de Gallaudet. [4]

Em meados do século XIX, vivia-se assim uma época áurea na educação dos surdos, na qual a língua gestual era considerada a sua língua natural. Nascia uma comunidade surda vista como capaz e passível de ser educada. [4]

No entanto, esta época foi-se desvanecendo com o aparecimento de um outro movimento criado por Alexander Graham Bell (1847 – 1922) que, em 1872, criou uma escola oralista para professores de surdos. Impulsionou o ensino da fala aos surdos e proibiu novamente o casamento entre eles (prática que já se verificava na Idade Média, mas que tinha revertido com o período áureo do século XIX), bem como o magistério dos professores surdos. Defendia que o ensino dos surdos devia fazer-se exclusivamente através do método oral, na tentativa de aproximar o surdo à dita normalidade. [4], [6]

### O CONGRESSO DE MILÃO

Em 1880 realizou-se, em Milão, o II Congresso Internacional sobre a Instrução dos Surdos-Mudos. [6] Este congresso trouxe uma completa mudança no rumo da educação dos surdos e precisamente por isso, é considerado um marco histórico. O congresso foi preparado por uma maioria oralista com o propósito de dar força às suas posições, pelo que, convenientemente, os professores surdos foram impedidos de entrar. [7], [11]

A principal resolução deste congresso foi a proibição de todos os gestos e a aprovação do uso exclusivo e absoluto da metodologia oralista. Todos os países votaram a favor (Portugal inclusive), à exceção do grupo americano, liderado por Edward Miner Gallaudet (filho de Thomas Gallaudet), que continuava o trabalho do pai, aplicando o método de Abbé de L'Épée. [6], [7], [11], [12]

Neste congresso foram assim aprovadas duas resoluções que se repercutiram durante praticamente um século: [6]

- Considerando a superioridade incontestável da fala para integrar os surdos na sociedade, o método da articulação devia ter preferência sobre os gestos na educação dos surdos;
- Considerando que a utilização simultânea dos gestos e da fala pode prejudicar a fala e a leitura labial, o método oral puro deve ser preferido.

Até esta data, a comunidade surda tinha conseguido o seu reconhecimento através de fortes lutas sociais. Tinham conseguido o direito à educação e tinham visto a sua língua natural, a língua gestual, reconhecida e valorizada. Contudo, com este congresso, perdeu-se tudo o que havia sido conquistado. Este foi assim um marco histórico na repressão da língua gestual, uma vez que os surdos foram sujeitos à oralidade, e perderam a sua identidade e referências culturais. Os professores surdos foram ainda impedidos de lecionar. O método oral tornava-se assim, indiscutível. [4], [6]

Um dos oralistas mais influentes neste congresso foi Alexander Graham Bell, que defendia os riscos dos casamentos entre surdos congénitos, alegando que, deste modo, a proporção de crianças surdas cresceria exponencialmente de geração em geração. [11]

As resoluções deste congresso foram determinantes em todo o Mundo, especialmente na Europa e na América Latina, tendo, a partir daqui o método alemão ganho cada vez mais adeptos. [7]

Deste modo, com o Congresso de Milão termina uma época de convivência tolerada na educação dos surdos entre a linguagem gestual e a oral, assumindo-se a adoração do método oralista na totalidade. [4], [7]

### A ASCENSÃO E A QUEDA DO ORALISMO

Com o Congresso de Milão, o método oral puro (ou método articulatorio) passou a ser preferido. Este método centrava-se na reeducação auditiva através da estimulação da leitura labial, como meio de acesso à informação, e através da fala, como meio de expressão comunicacional. [4] As crianças até conseguiam aprender as palavras isoladamente, mas dificilmente aprendiam as estruturas da língua, pois a interiorização da linguagem verbal processa-se por perceção auditiva, não acessível às crianças surdas. Este método acabou assim por ser considerado um verdadeiro fracasso em termos de

desenvolvimento tanto linguístico como cognitivo das crianças surdas, tendo tornado as crianças surdas linguisticamente incompetentes. [5] O oralismo e a supressão da língua de sinais acarretaram uma deterioração marcante no aproveitamento educacional das crianças surdas, tornando-as vítimas de insucesso escolar, tendo o surdo voltado a ser visto como alguém intelectualmente incompetente. [4]

Durante este período, a habilidade de leitura era considerada “normal” se um estudante surdo atingisse um nível correspondente a um estudante do terceiro ano. Relativamente à escrita tornava-se difícil comparar crianças surdas com crianças ouvintes porque as crianças surdas apresentavam muitos erros gramaticais “peculiares” que não eram encontrados nos textos das crianças ouvintes. Estudos feitos nos Estados Unidos da América relatam que “em média, estudantes surdos com 18 anos deixando o ensino médio atingiram apenas o nível equivalente entre o 4º e o 6º ano nas habilidades de leitura; apenas 3% destes adolescentes leem no mesmo nível de um leitor de 18 anos ouvinte e mais de 30% dos estudantes surdos deixam a escola funcionalmente iletrados”. [2]

No entanto, e apesar do fracasso evidente, a metodologia oralista manteve-se por aproximadamente um século. Esta começou a ser posta em causa apenas em meados dos anos 50, tendo surgido nesta altura novas propostas metodológicas como tentativas de renovação do método oral puro: [4], [13]

- Método Verbotonal (ou de Suvag): desenvolvido por Peter Guberina em 1953, em Zagreb, Croácia. Este método era um método oral que tinha como objetivo aproveitar ao máximo os resíduos auditivos da criança através do uso de aparelhagem sofisticada, amplificadores e modeladores de frequência.
- Método Materno-Reflexivo: desenvolvido por Van Uden, em 1958, na Holanda. Neste método privilegia-se a interação mãe-bebé, nomeadamente ao nível da conversação e da reflexão sobre a gramática da língua. Pretende desenvolver uma educação monolinguística dos surdos pré-linguísticos (crianças que ficaram surdas entre os 0 e os 18 meses de idade) de forma a que a fala rítmica e a leitura labial com perceção do som se torna a sua maneira direta e automatizada de conversar. É um método que incide também no desenvolvimento da perceção auditiva, da leitura labial e da fala. Baseava-se na ideia de que as crianças surdas pré-linguísticas podiam aprender a falar a língua oral como língua materna.

## O RECONHECIMENTO DA LINGUA GESTUAL E A ERA DA COMUNICAÇÃO TOTAL

Após o Congresso de Milão, foi proibida a utilização de gestos como forma de comunicação. No entanto, e sobretudo no âmbito das escolas especiais para a comunidade surda, isto não impediu que os surdos continuassem a falar por meio de gestos, criando vários códigos de sinais que rapidamente iam sendo transmitidos. Tudo isto se passava de forma clandestina e escondida dos vigilantes e professores. [14]

A primeira pessoa a estudar as línguas de sinais usadas entre as pessoas surdas foi Abbé De L'Épée. Muitos anos se passaram e apenas em 1960 se despertou novamente o interesse linguístico por estas línguas com os estudos de William Stokoe (1920-2000). [7] Estes estudos, lado a lado com o insucesso escolar resultante da aplicação do método oral, levou a que a luta dos surdos pelo direito a serem ensinados através de uma língua gestual ganhasse força. [4]

William Stokoe, defendia que todas as crianças, surdas ou ouvintes, usam o gesto para comunicar durante muitos meses, antes de começarem a usar a língua daqueles que as rodeiam. Isto antecede a aquisição da linguagem e é fundamental para o seu desenvolvimento cognitivo. [5] Este linguista dizia ainda que as línguas gestuais e orais tinham propriedades básicas semelhantes, tendo as línguas gestuais também elas uma estrutura, gramática e sintaxe próprias, que diferiam da estrutura, gramática e sintaxe da língua oral do país de origem. [4] Argumentou que tal como de um número restrito de sons (fonemas) se criava um número vastíssimo de unidades dotadas de significado (palavras), com a combinação de um número restrito de unidades mínimas de dimensão gestual (queremas), poder-se-ia reproduzir um grande número de unidades com significado (sinais). [6], [7]

Este autor criticava fortemente o facto de alguns profissionais ligados à surdez quererem impedir a família de usar gestos com os seus filhos surdos, uma vez que, sendo o meio que rodeia a criança surda (onde se usa a língua gestual), e a qualidade das interações em que a criança é envolvida determinantes para o seu desenvolvimento, este impedimento poderia resultar em sérias consequências neste campo. [5]

Com os trabalhos de William Stokoe inicia-se assim o reconhecimento da língua de sinais americana como uma língua genuína, com uma estrutura complexa que ultrapassava em muito uma mera imitação do discurso oral. [6]

Surgiram assim novas propostas pedagógicas em relação à educação da pessoa surda, e a tendência que ganhou impulso nos anos 70 foi a Comunicação Total. [7] A Comunicação Total é vista como uma filosofia de comunicação, e não propriamente como um método. Envolve diferentes modalidades comunicativas, desde a oral, gestual, escrita, desenho e mímica, dependendo das diferentes necessidades das crianças e dos seus estádios de desenvolvimento. [6] Advogava o uso de uma ou mais destas formas de comunicação juntamente com a língua falada, com o objetivo básico de abrir canais de comunicação adicionais. [3] A oralização não era o objetivo em si desta filosofia, mas sim uma das áreas trabalhadas. [7] O objetivo era sim auxiliar a compreensão da língua falada e assim, melhorar o desempenho do surdo na leitura e na escrita. [3]

A Comunicação Total podia utilizar tanto sinais retirados da língua gestual daquela região como também sinais representativos de elementos presentes na língua falada, mas não na língua de sinais. Desta forma, tudo o que era falado podia ser acompanhado por elementos visuais que o representavam. Acreditava-se que desta forma o entendimento da língua oral ficaria facilitada, e posteriormente da leitura e escrita. [7] Dentro desta filosofia, a língua gestual surgia como forma de acompanhamento à língua oral, e não como uma língua propriamente dita. [4]

Ainda nesta década de 70, mais propriamente em 1977, outros linguistas seguiram os estudos de William Stokoe. Foram eles Poizner, Klima e Bellugi. Estes três indivíduos relataram uma investigação realizada em doentes surdos falantes nativos de línguas gestuais, que possuíam lesões cerebrais (algumas das quais causadas por acidentes vasculares cerebrais). Foi possível concluir que quando a lesão ocorria no hemisfério esquerdo (região do cérebro mais tipicamente associada à linguagem), muitos deles desenvolviam uma afasia relativa à língua de sinais. Concluiu-se, portanto, que a língua gestual, muito provavelmente se situava sedeada na mesma região do cérebro que a respetiva língua oral. [5], [15], [16]

Um estudo feito anos mais tarde com indivíduos surdos nativos de língua de sinais americana e indivíduos ouvintes nativos na língua oral inglesa, através de RMN

funcional, permitiu detetar que alguns padrões de localização da linguagem não dependeram da modalidade da língua (oral ou falada), enquanto outros dependeram. Os padrões independentes eram por exemplo a área de Broca e a área de Wernicke, ambas ativas tanto na linguagem de tipologia oral como na gestual. No entanto, para os indivíduos ouvintes, o inglês oral proporcionou uma maior ativação em regiões do córtex auditivo primário e secundário enquanto que, para os indivíduos os surdos, a língua gestual americana causava ativação de regiões têmporo-occipitais posteriores. [17]

Todos os estudos realizados nesta época vieram assim demonstrar que a língua de sinais não só era uma verdadeira língua como, ao contrário do que muitos pensavam, era uma língua complexa e muito rica. Assumia-se, portanto, como um sistema linguístico independente do sistema de línguas oral, que não sendo auditivo-oral, era visual-espacial. [5], [7], [14]

### UMA PERSPETIVA DE BILINGUISMO

Várias práticas sob o nome de Comunicação Total foram desenvolvidas nos Estados Unidos da América e por toda a Europa, e muitos estudos foram realizados para verificar a sua eficácia. Relativamente à oralidade, alguns aspetos foram melhorados e os surdos passaram a conseguir comunicar e compreender os outros um pouco melhor. No entanto, tinham ainda grandes dificuldades em expressar sentimentos e ideias. Relativamente à escrita, poucos indivíduos alcançaram autonomia nesta forma de produção de linguagem, sendo que deste modo, a grande maioria não atingia níveis académicos satisfatórios. Em relação ao uso de sinais, estes ocupavam um lugar meramente acessório de auxiliar da fala, não havendo, portanto, espaço para o seu desenvolvimento. [7]

Em meados dos anos 70 começaram então a surgir problemas para os quais a Comunicação Total não tinha resposta. Era preciso perceber porque é que as habilidades de leitura e de escrita continuavam mais limitadas do que o que era esperado, agora que se tinham introduzido os sinais, que tantos linguistas defendiam como a língua natural dos surdos. Foram então feitos estudos no Centro de Comunicação Total da Copenhaga, sendo o objetivo dos investigadores registar as aulas do ponto de vista de um aluno

surdo. Filmaram então as aulas em que as professoras sinalizavam e oralizavam simultaneamente. Depois, colocaram as professoras na “pele” dos seus alunos, exibindo-lhes as gravações, retirando-lhes o componente áudio, e mantendo apenas a imagem. Descobriram então, que quando estavam impossibilitadas de ouvir a fala que acompanhava a sinalização, as próprias professoras tinham uma grande dificuldade em entender o que elas próprias estavam a sinalizar. Perceberam que quando sinalizavam e falavam ao mesmo tempo costumavam omitir sinais e pistas gramaticais que eram essenciais, embora elas acreditassem que sinalizassem cada palavra. Concluíram então que durante todo o tempo, as crianças surdas não obtinham uma versão visual da língua falada na sala de aula, mas sim uma amostra linguística e inconsistente em que nem as palavras faladas nem os sinais podiam ser compreendidos plenamente. [3]

Porque é que isto acontecia? Embora a Comunicação Total apoiasse o uso simultâneo da língua oral com sistemas de sinais associados (de modo a aumentar a visibilidade da língua falada), na prática, tal conciliação nunca foi e nem seria possível devido à natureza extremamente distinta das duas tipologias de linguagem. [3] Isto acontece porque as línguas de sinais permitem uma maior produção de informação simultânea, em comparação com as línguas faladas. É possível pronunciar palavras enquanto se enuncia um sinal manual, mas por vezes há pares de palavras/sinais que são produzidos simultaneamente, o que impede a sua tradução para a língua falada. Além disto, a organização linguística das duas línguas difere bastante. [2] Vendo por exemplo, um caso mais prático, à semelhança das línguas orais que obedecem a uma ordem específica de palavras para a construção de uma frase, também a língua gestual usa uma ordem de palavras que lhes é específica. Enquanto que na Língua Portuguesa temos a frase “A mãe deu o livro.”, na Língua Gestual Portuguesa, esta frase segue a seguinte sequência de gestos: “Mãe livro dar”. Percebe-se assim que, principalmente em diálogos mais complexos, é impossível a sinalização e fala simultânea pelas marcadas diferenças nas estruturas e detalhes das duas línguas. [18]

Um outro obstáculo para os que desejam falar e sinalizar simultaneamente são as diferenças lexicais entre as línguas envolvidas, pois não existe uma relação de um-para-um entre palavras e sinais. Por vezes uma palavra corresponde a vários sinais, tal como um sinal também pode corresponder a várias palavras. [2]

Com a disseminação das pesquisas e o aprofundamento da compreensão da complexidade linguística das línguas de sinais, não tardou a surgir a expectativa de que a própria língua de sinais poderia ser, por si só, o veículo mais apropriado para a educação e desenvolvimento cognitivo-social da criança surda. Surgiu assim a posição de que a filosofia da Comunicação Total deveria ser substituída pelo bilinguismo, em que as línguas faladas e de sinais poderiam conviver lado a lado, mas não simultaneamente. [3]

Então, mas o que é o bilinguismo? O bilinguismo é o uso de duas ou mais línguas/dialetos na vida quotidiana, tendo o bilingue a capacidade de usar ambas as línguas em diferentes situações. Não se espera, no entanto, que um bilingue domine igualmente as duas línguas em todas as suas modalidades. [19], [20] No caso dos surdos, a condição de bilinguismo foi apenas conseguida a partir dos anos 70/80, quando se reconheceu a língua gestual como uma verdadeira língua. [4], [19] Este modelo de ensino bilingue é baseado na premissa que a criança surda tenha a língua de sinais como primeira língua (mesmo que seja adquirida fora do meio familiar) sendo esta língua primária, a base para o ensino de uma segunda língua, geralmente a língua escrita e/ou oral da comunidade ouvinte em que esta se encontra inserida. [2] Advoga então que cada uma das línguas apresentadas ao surdo mantenha as suas características próprias e que não se “misture” uma com a outra. Defende-se que deve haver assim, um espaço próprio dedicado à língua gestual do país em causa. [7]

Uma vez que a língua de sinais raramente é transferida de pais para filhos (uma vez que 90% das crianças surdas têm pais ouvintes), é evitado o termo “língua materna”, e usado em vez disso, os termos “primeira língua”, “língua primária” ou “língua dominante” para a língua gestual. Estes termos não dependem da ordem precisa em que a língua é aprendida, mas sim do seu papel no desenvolvimento da criança. [2]

A língua gestual, primeira língua, deve então ser adquirida através da interação entre a criança e o adulto surdo que a deve inserir no funcionamento da língua gestual. O objetivo é que os surdos sinalizem e compreendam sinalizações, além de poderem usar a língua gestual escrita, através de um sistema de escrita chamado SignWriting. A segunda língua é a língua oficial do país e deve ser ensinada por um adulto ouvinte, privilegiando-se a leitura e a escrita, podendo também, por meio de tratamento fonoaudiológico aprender a falar e a ler os lábios. No entanto, reconhece-se que certas

habilidades da língua oficial do país, como é o caso da produção oral possam nunca ser completamente desenvolvidas. Nesta perspectiva, a fala é considerada um complemento à língua de sinais e à língua escrita, não sendo um meio para a aprendizagem da língua como tal. Enquanto a primeira língua é apreendida, a segunda é aprendida. As comunidades surdas começam assim a ser reconhecidas como minorias linguísticas [2], [4], [19]

O modelo bilingue tem então como objetivo conceder às crianças surdas as mesmas possibilidades das ouvintes. Permite-lhes ter um desenvolvimento cognitivo-linguístico equivalente ao das outras crianças, e desenvolver a sua identidade natural, bem como uma relação harmoniosa com os ouvintes. O objetivo do modelo bilingue é criar então uma identidade bicultural, pois permite à criança surda desenvolver as suas potencialidades dentro da cultura surda e aproximar-se, através dela, à cultura ouvinte. [4], [7], [21]

A criança deve então ser exposta, o mais cedo possível, à língua de sinais. Ter um acesso precoce a língua gestual fluente está associado a uma maior conquista nas capacidades de leitura e de escrita. [22] Certos estudos mostraram que estas línguas eram adquiridas pelos surdos com naturalidade e rapidez, aprendendo a sinalizar tão rapidamente quanto as crianças ouvintes aprendiam a falar. A aprendizagem da língua de sinais deve dar-se em família, quando possível, ou num outro contexto, com um membro da comunidade surda, numa escola especial para surdos ou numa associação. A língua falada deve ser ensinada por outra pessoa, caracterizando um outro contexto comunicativo. Os dois contextos não se devem sobrepor e por isso é importante que sejam ensinadas por duas pessoas diferentes. [7] Nesta perspectiva surge então a questão da presença do professor surdo. O docente surdo será, simultaneamente, o professor de língua gestual por excelência, o falante nativo que aprofundou os seus conhecimentos nos domínios das duas línguas e o interlocutor privilegiado de uma cultura e comunidade. A sua presença é crucial desde os primeiros momentos de vida da criança, funcionando como um “pai surdo”. Só ele vai conseguir transmitir à criança o sentido de identidade surda e a sensação de presença numa cultura própria. Vai por isso contribuir para que a criança tenha uma autoimagem positiva, como indivíduo surdo. [4]

Todos os estudos indicavam o caminho certo na educação da comunidade surda. No entanto, dada a resistência de muitos em considerar a língua de sinais uma verdadeira

língua, em muitos países, as práticas de educação para surdos ainda é oralista ou se enquadra dentro da comunicação oral. No entanto, as práticas oralistas tendem a diminuir. Deste modo, as três principais abordagens de educação dos surdos (oralista, comunicação total e bilinguismo) coexistem, com adeptos de todas elas nos diferentes países, cada uma com os seus prós e contras. [7]

## **A EVOLUÇÃO HISTÓRICA DA EDUCAÇÃO DOS SURDOS EM PORTUGAL**

A história de educação dos surdos em Portugal divide-se em três períodos: um primeiro período, entre 1823 e 1905, onde se utilizavam metodologias gestuais com suporte na escrita, um segundo período, entre 1906 e 1991, onde as metodologias oralistas eram as eleitas, e um terceiro período, depois de 1992, no qual se desenvolveu o bilinguismo. [4]

O ensino dos surdos em Portugal teve então início em 1823, com o rei D. João VI. Este criou o primeiro instituto português para surdos, no Palácio Conde de Mesquitela, em Lisboa, tendo convidado o professor sueco Per Aron Borg (que já havia fundado um semelhante em Estocolmo) para o dirigir. Defendendo o direito de acesso à leitura e escrita, Borg fazia o ensino da escrita e do alfabeto gestual, tendo como base a língua gestual sueca. Foi assim introduzida em Portugal a Metodologia Gestual com Suporte na Escrita. Em 1860 este instituto encerrou devido às suas dificuldades financeiras e à decadência do ensino. [4], [8], [23], [24]

Passaram dez anos, e em 1870 o ensino dos surdos volta a ressurgir em Lisboa, com o Padre Pedro Maria Aguilar, que criou o Liceu de Marvila, com um curso gratuito para estes alunos. Defendia também o método da mímica e da escrita. Sete anos depois, em 1877, fundou no Porto mais uma escola também ela para alunos surdos. [4], [6], [23]

Em 1880, no mesmo ano do Congresso de Milão, em que se aboliram as línguas gestuais, começaram a surgir em Portugal as primeiras influências do método oralista da escola de Paris. O professor francês do Instituto de Surdos-Mudos de Paris, Ancient Fussilier, veio para Portugal, tendo inaugurado em Benfica, um instituto oralista para surdos e deficientes mentais. Surgiram assim as primeiras influências da metodologia oralista em Portugal. [4], [23], [24]

Em 1887, a Câmara Municipal de Lisboa inaugurou o Instituto Municipal de Surdos de Lisboa, extinguindo-se por isso, o Instituto do Porto. Este instituto foi dirigido por Eliseu Aguilar, também professor que ensinava a fala e a língua gestual. Em 1905 este instituto passa a ser uma secção da Casa Pia de Lisboa, mudando-se a metodologia de ensino para o Método Oral. Em 1922 esta secção da Casa Pia de Lisboa passa a chamar-se Instituto Jacob Rodrigues Pereira. [4], [6], [23]

Em 1893 foi inaugurado o Instituto de Surdos-Mudos de Araújo Porto, no Porto, dirigido por Miranda de Barros, que substituiu o método mímico pelo do oralismo. Em 1900, o Instituto enviou dois dos seus professores ao instituto de surdos-mudos de Paris para se especializarem formalmente no método oral. [4], [23]

Em 1950, o provedor da Casa Pia de Lisboa, Campo Tavares, participou no Congresso Internacional de Groningen, na Holanda, onde tomou conhecimento de métodos de ensino oral mais modernos como o método materno-reflexivo, desenvolvido pelo holandês Van Uden. O provedor enviou então para a Universidade de Manchester o professor António Gonçalves Amaral, com o objetivo de se especializar no ensino de surdos. Quando este professor regressou, foi nomeado diretor do Instituto Jacob Rodrigues Pereira. [4], [23], [24]

A partir de 1965, as escolas públicas passaram a integrar alunos surdos. Ainda assim, a integração só era feita em situações muito específicas, separando-se as crianças integráveis (as que embora deficientes, eram inteligentes e podiam perceber o que o professor ensinava) e as crianças não integráveis (as que não conseguiam perceber nada do que o professor ensinava). [4], [25] Além do método materno-reflexivo, algumas escolas usavam a metodologia verbo-tonal. [23]

No final dos anos 70 começam a surgir discussões acerca da língua gestual. [4] Os primeiros estudos linguísticos sobre a Língua Gestual Portuguesa começam a ser feitos, sendo que o estudo organizado pelo Laboratório de Fonética da Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa resulta num livro, em 1980, chamado “Mãos que falam”. Este livro divulgava, pela primeira vez, a estrutura e sintaxe da língua gestual portuguesa, apresentando ainda um registo fotográfico de cerca de 250 gestos. Este estudo vinha confirmar ainda que o uso precoce da linguagem gestual, ao contrário do que se pensava, não só não impedia a aquisição e o desenvolvimento da linguagem oral e das capacidades com ela relacionadas, como a leitura e a escrita, como até facilitava essa aquisição. [5], [14] Surge assim um período de grande entusiasmo e vivência na educação especial, em que se abrem novas perspetivas de desenvolvimento dos modelos educacionais para a comunidade surda, que se afastavam do convencional imposto pelo sistema. Estes estudos vieram questionar o paradigma clínico-terapêutico que concebia a surdez como uma deficiência, e partindo-se para um paradigma sócio-antropológico que via a surdez como uma diferença cultural e linguística. [14], [26]

A formação profissional de surdos em Língua Gestual iniciou-se em 1981, com a formação de dois alunos surdos na Universidade de Gallaudet nos Estados Unidos da América: José Bettencourt e João Alberto Ferreira. Voltando a Portugal já como formadores de Língua Gestual Portuguesa, estes dois indivíduos iniciaram o ensino desta língua a docentes ouvintes, técnicos, futuros intérpretes e a pessoas surdas, futuras formadoras da língua.[4], [23]

Em 1982 a Fundação Calouste Gulbenkian realiza um estudo, publicado em 1986 (“A criança deficiente auditiva. Situação educativa em Portugal”) sobre a situação educativa da criança surda. Segundo este estudo, a esmagadora maioria dos alunos, tinha pela primeira vez contacto com alguém com formação em Língua Gestual Portuguesa, ao iniciar a escola, entre os 6 e os 10 anos. Só aí é que iniciava um processo consistente de aquisição de linguagem. Havia um grande desfasamento entre a idade dos alunos surdos e os níveis de escolaridade, sendo que adolescentes surdos de 17/18 anos, frequentavam apenas a 4ª classe. Era muito frequente na época que os alunos surdos frequentassem duas vezes seguidas o mesmo ano de escolaridade, o que só levava a que o seu desfasamento relativamente aos ouvintes se acentuasse. Até aqui, 55,4% dos alunos surdos apenas utilizavam palavras isoladas ou associação de duas palavras. Ainda segundo este estudo, o método de ensino mais usado era a Comunicação Total (41,5%), seguindo-se o método verbo-tonal (16,7%), método oral puro (14,6%) e o método materno-reflexivo (13,4%). Tornou-se assim evidente que era necessário diversificar as metodologias educativas e preparar a sociedade para outras formas de comunicação. Abria-se assim caminho para a utilização da língua gestual e o seu reconhecimento como língua verdadeira. [4], [26]

Entretanto, o Instituto Jacob Rodrigues Pereira e as equipas de Educação Especial preconizavam as primeiras experiências de bilinguismo em Portugal. [4]

Em 1994, Amaral, Coutinho e Delgado-Martins publicaram em livro os resultados de uma investigação por eles feita, sobre a gramática da língua gestual portuguesa, com o nome “Para uma Gramática da Língua Gestual Portuguesa”. Era um estudo aberto que demonstrava a gramaticalidade desta língua, contemplando não só os seus aspetos gerais como também os seus aspetos estruturais. O fator de maior destaque neste estudo foi perceber-se que a criança surda possuía uma língua natural, que adquiria espontaneamente quando interagira com outras pessoas competentes nessa língua, tal

como as crianças ouvintes em relação à língua oral. Este estudo apresentava a língua gestual como uma verdadeira língua, digna de estudo pelos linguistas. No prefácio deste livro, Robert Johnson, professor e investigador da Universidade de Gallaudet, escreveu que “a criação de um documento escrito detalhando a estrutura e o conteúdo da Língua Gestual Portuguesa, demonstra que esta língua é uma língua em si e por si, independentemente da Língua Portuguesa – ou mesmo de qualquer língua falada – quer na estrutura, quer no vocabulário”. A Língua Gestual Portuguesa podia ser assim a chave que iria permitir uma resposta eficaz às dificuldades apresentadas pelas crianças e jovens surdos, eliminando definitivamente as causas de todo o seu fracasso e discriminação. Assim devia ser proporcionado um ambiente linguístico adequado à sua aquisição o mais precocemente possível, para que o desenvolvimento das crianças surdas pudesse ser equiparado ao das crianças ouvintes. [1], [5], [23]

O contributo de todas estas publicações e investigações conduziu, em 1997, ao reconhecimento oficial da Língua Gestual Portuguesa, com a certeza de que se devia proteger e valorizar, enquanto expressão cultural e instrumento de acesso à educação e a igualdade de oportunidades. [4], [5], [12] Ao aceitarmos, no entanto, de forma indiscutível que a língua natural das crianças surdas é a Língua Gestual Portuguesa, não nos podemos esquecer, porém, que vive numa sociedade ouvinte que usa a Língua Portuguesa que, essencialmente na sua vertente escrita é essencial para que o surdo tenha acesso à instrução e às habilitações académicas que lhes permitirão uma igualdade de oportunidades. Deste modo, é importante também que na educação da criança surda não seja contemplada apenas a Língua Gestual Portuguesa. [1]

No ano seguinte, em 1998, o despacho nº 7520/98 veio estabelecer a criação de Unidades de Apoio Educativo a Alunos Surdos, passando a assumir-se oficialmente uma educação bilingue para os mesmos. [23]

A publicação do decreto lei 3/2008 vem não só assumir inequivocamente uma educação bilingue para os alunos surdos, como também estabelecer medidas específicas para garantir a qualidade da educação bilingue prestada nas escolas portuguesas. Nesse sentido, os alunos surdos deverão ser concentrados em escolas de referência, em turmas exclusivamente de crianças surdas, e beneficiar da Língua Gestual Portuguesa como disciplina curricular bem como da Língua Portuguesa como segunda língua. Além

disso, a estes alunos é-lhes atribuído também o direito ao apoio em terapia da fala. [4], [23]

## **OS BENEFÍCIOS DA EDUCAÇÃO BILINGUE**

Cada vez mais, tem-se percebido os muitos benefícios da educação bilingue na comunidade surda. Não só permite um adequado desenvolvimento de competências linguísticas e comunicativas como também permite a aquisição espontânea e intuitiva de linguagem e o desenvolvimento de identidade própria como pessoa surda. [3]

Percebeu-se que os surdos que tinham bases linguísticas mais fortes na língua gestual do seu país, mais facilmente adquiririam também altos níveis de desempenho na escrita e compreensão da leitura da língua falada, estando assim mais aptos a suportar uma segunda língua. Quanto mais eram as aptidões na primeira língua, melhor resultados obtinham na segunda. [27]

Em Portugal, graças à educação bilingue, o número de alunos surdos a ingressar no Ensino Superior tem vindo a crescer, apesar de muitas das vezes se continuarem a encontrar barreiras e limites devido à sua dificuldade na comunicação oral, bem como ao acesso restrito da Língua Gestual Portuguesa em algumas das escolas do nosso país. No entanto, a escolaridade deste grupo minoritário mudou radicalmente para melhor. [28]

Foi assim, através da educação bilingue, que esta minoria linguística passou a estar enquadrada numa sociedade oralista e a ser vista com as potencialidades de qualquer outra minoria linguística, contribuindo assim para um caminho, que embora ainda longo, vise buscar a igualdade de oportunidades. [8]

## **AGRADECIMENTOS**

Agradeço à Clínica Universitária de Otorrinolaringologia do Hospital Santa Maria pelo desafio e acima de tudo pela oportunidade.

Agradeço ao Dr. Marco Simão por ter aceitado fazer parte deste trabalho e ao Professor Óscar Dias pela imensurável dedicação em prol dos alunos, bem como pelo entusiasmo com que recebe cada uma das nossas propostas de trabalho.

Agradeço aos meus amigos, companheiros de viagem destes seis anos, e à minha família por me fazer acreditar, que onde quer que esteja, nunca estarei sozinha.

## BIBLIOGRAFIA

- [1] M. A. Amaral and A. Coutinho, “A criança surda : Educação e inserção social,” vol. 3, pp. 373–378, 2002.
- [2] K. Svartholm, *35 anos de Educação Bilíngue de surdos – e então? 35 years of Bilingual Deaf Education – and then?*, vol. 33, no. 2. Brasil: Editora UFPR, 2014.
- [3] F. Capovilla, “Filosofias Educacionais em Relação ao Surdo: do Oralismo à Comunicação Total ao Bilinguismo,” *Rev. Bras. Educ. Espec.*, vol. 6, pp. 99–116, 2000.
- [4] J. S. Santos, “A Terapia da Fala na Educação Bilingue de Alunos Surdos,” Universidade do Porto, 2011.
- [5] M. J. Almeida, “A Criança Surda e o Desenvolvimento da Literacia,” Universidade de Aveiro, 2007.
- [6] E. Cabral, “Para uma Cronologia da Educação dos Surdos,” *Commun. - Rev. Comun.*, vol. 3, pp. 35–53, 2005.
- [7] C. Lacerda, “Um Pouco de História das Diferentes Abordagens na Educação dos Surdos,” *CAD CENES*, vol. 19, pp. 68–80, 1998.
- [8] A. I. M. B. S. Monteiro, “Avaliação da eficácia do modelo bilingue na Educação dos alunos surdos,” Universidade da Madeira, 2012.
- [9] E. E. Salgueiro, *Jacob Rodrigues Pereira*. Fundação Calouste Gulbenkian, 2010.
- [10] C. Afonso, “Sicard, Massieu e os Professores Surdos,” *História dos Surdos*, vol. 2, Escola Superior de Educação de Paula Frassinetti, Mar-2010.
- [11] C. Afonso, “O Congresso De Milão e a Supremacia do Oralismo,” *A História dos Surdos*, vol. 3, Escola Superior de Educação de Paula Frassinetti, Jun-2010.
- [12] G. Cristina, R. Silva, and A. E. D. D. De, “" Olhos que ouvem ... Mãos que falam . Aprendizagem da Língua Gestual Portuguesa por parte de Alunos Ouvintes " ,” *Exedra*, pp. 379–385, 2012.

- [13] S. Martins, “As dificuldades de comunicação entre surdos e ouvintes - Propostas de soluções,” Escola Superior de Educação Almeida Garrett, 2012.
- [14] C. Afonso, “Afinal é uma Língua!... A Importância dos Estudos dos Linguistas,” *História dos Surdos*, vol. 4, Escola Superior de Educação de Paula Frassinetti, Sep-2010.
- [15] G. Hickok, U. Bellugi, and E. S. Klima, “The neurobiology of sign language and its implications for the neural basis of language,” *Nature*, vol. 381, no. 6584, pp. 699–702, 1996.
- [16] H. Poizner, E. Klima, U. Bellugi, and J. C. Marshall, “What the Hands Reveal About the Brain,” 1990.
- [17] M. N. Valadão, M. de L. Issac, A. C. dos Santos, D. B. de Araujo, and S. R. E. Rosset, “Visualizando a elaboração da linguagem em surdos bilíngues por meio da ressonância magnética funcional,” *Rev. Bras. Linguística Apl.*, vol. 14, no. 4, pp. 835–859, 2014.
- [18] H. M. M. Ferreira, “A língua Gestual: Uma Forma de Comunicação,” Universidade de Coimbra, 2002.
- [19] G. M. da Silva, “Perfis Linguísticos de Surdos Bilíngues: Um Estudo Exploratório,” *Rev. do Inst. Let. da UFRGS*, vol. 32, 2017.
- [20] C. Afonso, “Formação de professores para a educação bilingue de surdos,” *Saber Educ.*, vol. 13, pp. 159–169, 2008.
- [21] V. P. Moraes and C. Kubaski, “O Bilinguismo Como Proposta Educacional Para Crianças Surdas,” 2009.
- [22] J. Dammeyer and M. Marschark, “Level of educational attainment among deaf adults who attended bilingual-bicultural programs,” *J. Deaf Stud. Deaf Educ.*, vol. 21, no. 4, pp. 394–402, 2016.
- [23] “Educação Bilingue de Alunos Surdos - Manual de Apoio à Prática.” Direção-Geral de Inovação e de Desenvolvimento Curricular, Ministério da Educação, Lisboa, 2009.

- [24] P. Carvalho, *Breve História dos Surdos - No Mundo e em Portugal*. Lisboa: Surd'Universo, 2007.
- [25] C. Afonso, "A 'Experiência do Covelo,'" *História dos Surdos*, vol. 7, Escola Superior de Educação de Paula Frassinetti, Jun-2011.
- [26] C. Afonso, "Revisitando os anos 80," *História dos Surdos*, vol. 9, Escola Superior de Educação de Paula Frassinetti, Dec-2011.
- [27] J. A. Scott and R. J. Hoffmeister, "American sign language and academic English: Factors influencing the reading of bilingual secondary school deaf and hard of hearing students," *J. Deaf Stud. Deaf Educ.*, vol. 22, no. 1, pp. 59–71, 2017.
- [28] A. Maia, "O sucesso dos alunos surdos no Ensino Superior," Universidade Católica, 2016.